

A CONSCIÊNCIA CRIADORA

RESUMO

AstridSayegh

Se o conhecimento tem como finalidade atingir a realização interior do espírito, a relação filosofia e ciência está na base da própria concepção humana de existência. Cumpre, desse modo, colocar em questão, em meio ao avanço científico-tecnológico atual, as condições para uma ciência mais criativa, seja do ponto de vista epistemológico ou ontológico, no sentido de superar as práticas rotineiras, os métodos acabados, assim como as ferramentas conceituais, em função de uma ciência aberta, nova e restaurada; tal ideal se torna concreto através da concepção de métodos e experiências fundados na intuição. Novidade, originalidade, criação, tal é a divisa de Bergson. Para tanto, a presente reflexão visa articular o processo da **gênese** compreendido em *A Evolução Criadora*, de modo a fundamentar a possibilidade da consciência criadora, em identidade com o processo de criação pela *Consciência em geral*. A descrição da **fenomenologia da vida**, onde os seres naturais se definem como formas dotadas do princípio da consciência em evolução, permitirá a visão do movimento de criação, também por parte da consciência humana, quando identificada em processo com a corrente geradora da Consciência em geral. Em continuidade, cumpre ainda descrever a **fenomenologia do espírito**¹, do ponto de vista de Bergson, de modo a, através da visão da gênese do conhecimento, analisar a função do intelecto, a formação dos esquemas conceituais, assim como estabelecer as condições para que a consciência criadora se dê. Eis assim a relevância do trabalho sobre a *criação*, o qual há de explicitar a experiência metafísica e intuitiva, em sua concretude, como pedra angular de uma Enciclopédia da Ciência.

¹ - Em que pese o título, a presente reflexão não pretende fazer um trabalho comparativo com a obra de Hegel, mas antes um trabalho descritivo sobre o nascimento da consciência do ponto de vista bergsoniano. Importa, porém considerar que, a *Fenomenologia do Espírito*, base do sistema hegeliano, consiste em uma descrição histórico-racional da experiência que consciência faz de si mesmo, em relação com o mundo, através de um processo dialético. Do ponto de vista bergsoniano, a experiência da consciência consiste em um processo ontológico de atualização e interiorização da substância imanente.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Um dos maiores problemas filosóficos do sec. XXI são as relações formais entre Filosofia e Ciência, em seus múltiplos aspectos: as ligações entre Ciência e técnica, Ciência e homem.

Definitivamente, o século XXI surgiu sem oferecer grandes espaços e aberturas a uma concepção metafísica do mundo. Na prática, tal esforço tem sido praticamente inútil: o contínuo e gradual avanço científico-tecnológico interfere significativamente no equacionamento das muitas questões que supostamente pertençam a seus domínios.

Mudanças céleres parecem existir em nossos tempos, mas mudanças que nada mudam, posto que as simulações de aceleração no tempo são externas ao indivíduo. A sedução midiático-tecnológica ilude a consciência para um futuro que não é futuro, mas permanência no mesmo nível ontológico, perante a fixidez do mundo imagético, fazendo do tempo uma forma alienante e homogênea de ser, ou melhor, de representar.

A noção de temporalidade bergsoniana se faz oportuna nesse momento de crise existencial, em que o indivíduo vive um gozo idealizante do futuro. Vive-se a suposição de um tempo em mudança, mas que apenas conduz para territórios previamente determinados. Trata-se de um momento novo, a partir de resultados já conhecidos. Essa ruptura da temporalidade se dá pelo emprego de *representações* virtuais do futuro, onde o amanhã nada mais é que uma visão projetada sobre o hoje.

Essa concepção meramente representativa da homogeneidade do tempo – e conseqüente concepção de *mente* - passa a ser uma sonolência da alma, e a consciência, em particular a filosófica, cuja função deveria ser estabelecer uma crítica

do presente, com vistas a uma evolução qualitativa do espírito cognoscente, passa a disseminar-se no automatismo das formas. O papel do filósofo, que apenas “pensa” a ciência, a partir da abstração e generalização do dado fenomênico, é reduzido a um automatismo, que paralisa a liberdade do espírito e, portanto reduz o vasto campo da ciência.

Apesar da valorização crescente da filosofia em nossos dias, esta se reduz a uma tecnificação do pensamento, na medida em que o mundo imagético é representado nos horizontes emergentes da filosofia da mente pós-computacional, da pós fenomenologia e da filosofia pós-analítica. A própria concepção contemporânea de *mente* se reduz a frieza e inércia do fenômeno da matéria cerebral.

Disto decorre a importância de se instituir um modo de conhecer, que inverta essa marcha da humanidade, em direção a ideais ontologicamente superiores, e por que não dizer, a uma espiritualização da ciência. Não uma espiritualidade abstrata, mística ou utópica, mas fundada na *experiência* concreta e interior do sujeito. Essa experiência a qual nos convida Bergson, a intuição, consiste em uma mobilização da alma por uma busca de significado moral, de elevação, de tensão interior, de modo a perceber-se no movimento interior gerador, o qual lhe permite “ver” uma qualidade nova, enquanto reservatório imenso de *hecceidade*.

Eis assim a importância de se desenvolver a questão da *criação*, que justifica os conceitos *expandir e atualizar*, temas relevante da Filosofia, e de tornar explícita a experiência metafísica e intuitiva, em sua concretude, como pedra angular de uma Enciclopédia da Ciência. Enciclopédia, porém, não na acepção de conjunto de sistemas, mas no sentido de relações que se pode estabelecer a partir da ontologia de outros setores da realidade.

OBJETIVOS

Bergson aponta uma virada radical no seio da filosofia, ao propor dar um passo além das necessidades atuais, das concepções fenomênicas do real, com vistas à evolução de nossa experiência para além dos limites do que normalmente percebemos e sabemos dela. Eis a atualidade da reflexão da obra *A evolução criadora*, o modo inovador pelo qual Bergson articula os dados da ciência conjugada à construção metafísica.

Para tanto, a presente reflexão objetiva acompanhar o processo da **gênese** em *A Evolução Criadora*, de modo a fundamentar, a partir da concepção bergsoniana de *Consciência em geral*, a possibilidade da criação. A descrição da estrutura ontológica da **fenomenologia da vida**, onde os seres naturais se definem como formas dotadas do princípio da consciência em evolução, permitirá a visão do movimento de criação, processo esse que se desenvolve do mesmo modo nas consciências distintas, quando identificadas na corrente geradora da Consciência em geral. Em continuidade, cumpre ainda descrever o **processo constitutivo do espírito**, do ponto de vista de Bergson, de maneira a, através da visão da gênese do conhecimento, analisar a função natural do intelecto, o qual inicialmente se desenvolve em função da manipulação e organização dos dados sensíveis, voltado, portanto para a produção de formas, de modo a cumprir com os fins práticos da existência.

Tal descrição há de, não somente nos conscientizar da importância de superar as concepções do intelecto, como estabelecer as condições para que a consciência criadora se dê. Expandir os rumos da ciência, superar os métodos acabados e as práticas rotineiras, significa ir além do que “aparece”, do feito e acabado, e apreender um conteúdo mais fecundo, que anteceda ontologicamente o nível apreendido pela percepção sensível, assim como a anterioridade ontológica no processo da construção do conceito. Para tanto, o presente trabalho visa elucidar as condições de superar

esses limites em função de uma concepção mais intuitiva do real, em seu vir-a-ser substancial e qualitativo. Tal elucidação há de demonstrar um novo ponto de vista sobre a ciência, o qual passa a ver o movimento constituinte do objeto assim com o movimento gerador de formas conceituais.

Para esclarecer a possibilidade de substituir nossas ferramentas cognitivas no contexto evolutivo da vida, faz-se necessário demonstrar como nossos esquemas conceituais foram formados, como evoluíram, para entender como eles podem ser abertos para além de seus limites atuais.....tal é a tarefa ambiciosa que Bergson propõe, e que buscaremos explicitar.

Cabe à consciência filosófica esclarecer o processo pelo qual a consciência *reflete* o mundo objetivo, de modo a fundamentar então a capacidade de auto-constituir-se em si mesma, de ir além da consciência fenomenológica que separa o sujeito do objeto, em função de uma integração do espírito, em seus vários níveis ontológicos, com o objeto. Aqui poder-se-á descrever o papel relevante da metafísica, considerada algo tão utópico e abstrato, mas que agora Bergson descreve como uma experiência concreta, que por sua integralidade, permite uma visão mais compreensiva do objeto científico, assim como a possibilidade de inovação por parte do sujeito.

A experiência imediata, eis o modo de conhecimento que Bergson nos aponta, como meio de criação filosófica e ao mesmo tempo meio de atender ao impulso criador e evolutivo do espírito, apercebendo-se como *existente em mutação* interior, em curso ascensional.

Enquanto a ciência não cumprir com a exigência de criação, ela não alcançará seu fim ético, e nem a finalidade interna que deveria conduzir o homem em seu

percurso existencial. Tudo se passa como se Bergson nos lembrasse da vocação essencialmente ética da filosofia.

A presente reflexão objetivará desse modo explicitar a possibilidade da criação, particularmente filosófica, em função de uma ciência aberta, nova, original, mas que se dê a partir de uma experiência metódica e rigorosa da intuição, a verdadeira fonte do conhecimento, de idéias e conceitos. Eis a possibilidade da criação filosófica, e suas consequências científicas, uma novidade a ser considerada perante o trabalho teórico e analítico da ciência.

Com efeito, a metafísica, a ciência do movimento constitutivo do objeto, mesmo científico, há de ser aclarada e em sua concretude, como fonte fecunda e inventiva do saber científico. Desse modo, o movimento interno de geração do conceito, assim como o processo constitutivo do objeto haverão de definir uma gnosiologia ontológica, onde o sujeito não é alheio ao processo de conhecimento, mas também se vitaliza interiormente, pois a dimensão vital do conhecimento faz com que o sujeito vivencie o processo.

Não repetir, mas criar, tal é ainda o sentido que a consciência humana deve encontrar em seu percurso existencial. Caso contrário, ela se fecha em realidades inertes, abstratas, sociedades fechadas, sem criação, sem mobilização espiritual, sem satisfazer seu impulso de evolução, sem alegria interior, sem exigência de futuro.

Cumpre-nos desse modo explicitar os passos do processo de criação no sentido de transcender os horizontes redutores do mundo imagético e das ciências fenomênicas, em função de uma percepção de outra natureza, em que o sujeito, gerando-se interiormente, apreenda o objeto “por dentro”, em sua unidade ontológica - o ponto de partida de derivação e integração das ciências, anterior ontologicamente à

contemplação estática do espetáculo fenomênico, assim como a integração das mesmas.

Eis a experiência metafísica a ser descrita em sua concretude, a ontologia como pedra angular de uma de uma derivação das ciências.

Para fundamentar essa possibilidade de criação o presente trabalho objetiva articular a gênese do Universo, do ponto de vista do processo criador da *Consciência em geral*, consoante termos bergsonianos, de modo a perceber a identidade de processo no caso da *consciência distinta*. Eis a experiência concreta a que nos insta Bergson, e para tanto, coloquemos o problema, e acompanhemos, de forma sumária, esse processo em nós mesmos:

DESENVOLVIMENTO

I - O PROBLEMA: A POSSIBILIDADE DA CRIAÇÃO

Colocar o problema, segundo o método rigoroso de Bergson, é o primeiro passo, de modo a dar condições de a intuição se dar.

1- O primeiro momento consiste em estabelecer, a partir da noção de tempo, a diferença da dualidade na concepção objeto: tempo-extensão e tempo-criação, causalidade fenomênica e criação espiritual, intelecto e intuição, de modo a apreender a face autêntica da realidade, abalizando assim o processo intuitivo.

2- Sob a visão interior, perceber então a integração entre o ser e o tempo, entre a concepção intelectual do tempo e a apreensão intuitiva do espírito em *duração*, de

modo a perceber o campo virtual e transcendente, no qual se dará o movimento de atualização, o tornar presente o princípio *em duração* à consciência.

II - O PROCESSO DE CRIAÇÃO

O Princípio espiritual em derivação:

A partir da concepção bergsoniana de “consciência”, à diferença do conceito atual concebido pelas filosofias da mente, cumpre demonstrar o *processo* da Supraconsciência, da gênese à evolução criadora, e sua identidade com a consciência subjetiva, em seu movimento gerador e continuamente criador: partir portanto do “princípio” de todas as coisas, o início do processo de *individuação* ou diferenciação da Supraconsciência e portanto da consciência subjetiva. Criar é, portanto, partir da unidade substancial, da memória ontológica, reservatório inesgotável de *ipseidade*, de possibilidade de individuação, por um movimento de diferenciação em multiplicidade qualitativa.

Participar do movimento, não mais do élan vital, mas do princípio que agora se manifesta como Espírito, é evoluir, criar do ponto de vista espiritual. Se o Espírito, ou ainda o espírito, possui uma exigência interna de criação, pode-se depreender disso tudo que, se a *imanência*, é um atributo de tudo que é espiritual, também a transcendência, a criação o é.

Esse processo não consiste em exteriorizar apenas, mas em *atualizar* o campo virtual, transcendental; e atualizar o campo transcendental é trazer à consciência o diferente; efetivamente, criar do ponto de vista bergsoniano é *diferenciar*

Pressupostos não teóricos da criação

O ato de criação, porém só é possível de ser suscitado por uma mobilização da alma, um sentimento de elevação de qualidade interior, uma sorte de comoção espiritual, e efetivamente não se dá sem o comprometimento moral do sujeito, o qual, quanto mais elevado, mais profundo o nível ontológico a ser “percebido”. Efetivamente, a mudança de natureza interior do espírito é o momento desencadeador do processo intuitivo, o qual se dá, portanto a partir de pressupostos não teóricos, mas éticos.

Princípio material individuado– O Cérebro e sua função

Tal processo não se dá, porém, no nível do cérebro, o qual constitui, do ponto de vista bergsoniano, apenas um órgão de atenção à vida, um instrumento de expressão, mas a intuição se dá em um momento anterior à flexão do espírito na matéria. A memória ontológica não reside no cérebro, qual a abordagem da memofisiologia e filosofias da mente atuais. A ênfase bergsoniana na realidade virtual permite levantar um novo sentido para a memória, como também redimensionar seu vínculo, hoje tão enfatizado pelas neurociências, com o cérebro - uma plataforma crítica para se repensar a relação mente cérebro, assim como o sentido atual de “desespiritualização” do fenômeno humano da memória.

Criação de formas

Uma vez partícipe e agente no processo gerador da substância original, em si mesmo, a “visão” qualitativa se dá por movimento de enlevo, de tensão, cuja interrupção, consiste no próprio surgimento das formas. Se a inovação se dá por um

movimento ascensional, a sua interrupção, em direção à materialidade, se dá em um movimento de conformação, de configuração da visão, ou seja, na atualização das virtualidades em formas, idéias distintas que o intelecto traduz em conceitos. Desse modo o espírito se distende na temporalidade linear do pensamento e estende-se no espaço em forma de lógica.

CONSCIÊNCIA CÓSMICA E CONSCIÊNCIA HUMANA

A Filosofia da Vida se desdobra na consciência intuitiva do mesmo modo que a Consciência Cósmica se desenvolve em criaturas:

Consciência Intuitiva

Em um primeiro momento a vida se agita e pulsa na matéria, o que permite ao *princípio de consciência, em geral ou individuado*, iniciar seu percurso em direção ao seu fim mais alto: atualizar-se infinitamente de modo a expandir a criação.

A Consciência Criadora, por distensão de si, gera inicialmente as formas, inorganizadas e organizadas, mas permanece no todo, como “princípio” que se desenvolve na imediatez de si mesmo, ou seja, um todo comungante consigo mesmo.

O todo comungante em si mesmo é o registro da Consciência Cósmica *na duração*, do mesmo modo que o registro do cosmos humano na sua temporalidade.

A Consciência movente se atualiza então sob o modo de variadas formas de consciência na duração, mesmo adormecidas, as quais comungam entre si sob forma de empatia irrefletida. Inicialmente tal comunhão se dá pelo instinto, como no caso dos seres vivos que se percebem uns aos organismos dos outros; e agora as consciências, sob o modo de subjetividade, percebem por uma percepção diferente, ou intuição, o inexaurível reservatório virtual imanente; a identificação dessa memória

ontológica consigo mesma consiste na atualização, isto é, no movimento despertador de novidades. Tal é o movimento expansivo da Consciência, e da consciência humana, que em sua variada forma de ser, prolonga a evolução criadora na imediatez de si mesma.

A passagem, porém da intuição natural à intuição espiritual e metódica só pode ser despertada pela mediação da consciência metafísica, que percebe o objeto substancial no próprio sujeito, e permite o desdobramento consciente do princípio espiritual em si mesmo.

Consciência reflexa

A criação do universo se explica, segundo concepção bergsoniana, por uma distensão da supraconsciência, em determinado nível que se estende no espaço. O reino da necessidade é decorrente efetivamente do nível ontológico mais baixo da Consciência Cósmica, onde o *princípio*, ainda não ativamente determinante, encontra-se limitado às formas cristalizadas na extensão, e onde a temporalidade se desenrola em uma homogeneidade de procedimentos. O reino da matéria se transforma, porém na identidade do princípio, cuja qualidade não se altera neste estágio, mas cujo dinamismo gera o movimento contínuo de repetição, ou seja, a *reprodução* do mesmo. Assim, surgem as formas naturais, os entes que se relacionam entre si, com o fim de conservar a vida.

Do mesmo modo, a consciência humana, ao permanecer presa no nível extremo da distensão, nada gera ainda, mas presa ao comodismo do hábito e da repetição, apenas articula o pensamento no mesmo nível ontológico, na temporalidade homogênea, no mundo das formas e conceitos, que se relacionam em uma diversidade de arranjos. O movimento interior dá-se desse modo circularmente, sem

progresso qualitativo; apenas *reproduz*, ou seja, reapresenta à consciência algo já atualizado, cristalizado, estático e que nada *sugere*, mas apenas o relaciona a algo já conhecido, em uma uniformidade também de procedimentos, uma reprodução do que “aparece”. A razão contempla e organiza o espetáculo do mundo objetivo, e desse modo a relação pensamento-mundo, sujeito-objeto científico se dá de forma exterior, estática e finita.

Ao permanecer no mesmo nível ontológico, a consciência científico-filosófica estabelece inicialmente relações formais no cosmo humano em um movimento homogêneo do espírito, onde a visão espacializante, fragmentada sobre a homogeneidade do mundo material lhe permite desenvolver as ciências quantitativas, para as quais a inexaurível heterogeneidade interior do espírito cognoscente é indiferente.

Este movimento do pensamento é primeiramente despertado pela percepção sensível do fenômeno que é apresentado, qual uma tela que apresenta um espetáculo de cenas fragmentadas, em uma temporalidade homogênea e abstrata, a qual é *reapresentada* pela consciência, que a *reflete* objetivamente perante si mesma. Esta reflexão não seria senão a cópia, o simulacro do sensível fragmentado no espaço sobre a tela da consciência reflexa - ou computacional, consoante expressão de nossos tempos.

Esta reflexão sobre si mesma se faz primeiramente pela mediação da visão sensível de um mundo homogêneo. Visão esta que organiza o percebido de modo a valer-se do mundo em seu benefício e segundo interesses, como um ser natural que age, que produz formas em função das necessidades pragmáticas. Do mesmo modo as leis da natureza são reapresentadas, *refletidas* na consciência humana, que as relaciona quais formas abstratas, através da estabilidade das leis da lógica.

Com efeito, a *reprodução* se dá em um nível da duração, de movimento o mais distenso da Consciência Cósmica, assim como da consciência humana, que *reapresenta e reflete* sobre as formas extensas. A extensão se define desse modo como um momento necessário, mas não o último, onde o Espírito, ou espírito, volta-se sobre si mesmo por reflexão, dado o fato de ele ainda não poder ultrapassar a limitação de condição natural.

Em seu impulso de evolução, a Consciência, ou a consciência, busca outros modos ou níveis, por onde possa passar de modo a cumprir com a natureza movente e geradora, que a impele a contornar os obstáculos, de modo a manifestar a si mesma como substância, individuada ou não, isto é, como causa de si mesma no universo, e não como reapresentação do mundo fenomênico apenas.

Desse modo, a reflexão não se faz mais pela reprodução ou relação das formas, mas é gerada pela identidade do espírito em si mesmo.

A re-flexão em um mundo refratário supera-se agora por uma comunhão, um reencontro da substância pelo espírito subjetivo que a revela na imanência de si mesmo, e, portanto, não mais reflexão sobre o mundo, mas geração de si por si, de modo a cumprir com a missão do Universo, de se realizar como substância determinante, de revelar personalidades criadoras, que venham por sua vez a multiplicar o movimento criador do Um em relação ao múltiplo, e fazer da ciência, não apenas ciência das relações universais, mas também um modo da evolução substancial do Um ao múltiplo; ao partir da metafísica, cujo objeto é a unidade ontológica e geradora, esta será percebida derivando-se e diferenciado-se, qual uma Enciclopédia que se reconstitui na consciência humana, e prolonga o fluxo gerador do Universo.

Deste modo, a Consciência cumpre sua função de gerar o Universo e de gerar *deuses*, consoante termos bergsonianos, mesmo neste mundo refratário das formas, de se fazer reconhecer nas consciências filosóficas que sabem reconstituir a totalidade do Universo em evolução, em si mesmas.

PLANO DE TRABALHO CRONOGRAMA

1º TRIMESTRE

I - O “PROBLEMA” DA CONSCIÊNCIA CRIADORA

Colocação do Problema - Verdadeiras Diferenças no fenômeno - Integração das Diferenças na unidade temporal e substancial - Agostinho: tempo e criação

BERGSON, H. *La Pensée et le Mouvant*. Paris: P.U.F., 1950.

DELEUZE, G. *Le Bergsonisme*. Paris: P.U.F., 1968.

JANKÉLÉVITCH, V. *Henri Bergson*. Paris: P.U.F., 1959.

2º TRIMESTRE

II - CAUSALIDADE OU CRIAÇÃO?

Ordem física e ordem espiritual - Causalidade fenomênica e Criação espiritual -
Substância e causa de si

CHAIX-RUY, J. *Saint Augustin Temps et Histoire*. Paris: Études Augustiniennes, 1956.

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984.

BERGSON, H.

_____. *Evolução Criadora*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *L'Energie Spirituelle*. Paris: P.U.F., 1929

_____. *La Pensée et le Mouvant*. Paris: P.U.F., 1950.

GOUHIER, H. *Bergson dans l'Histoire de la Pensée Occidentale*. Paris: J. Vrin, 1989.

3º TRIMESTRE

III - A GÊNESE.

DO PRINCÍPIO DE TODAS AS COISAS

Individuação do princípio espiritual - O princípio material Individuado - Espírito e
Matéria - Vida e instinto - Espírito e intuição

GILSON, B. L' *Individualité dans la Philosophie de Bergson*. Paris: J. Vrin, 1985.

BERGSON, H.

_____. *Evolução Criadora*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *L'Energie Spirituelle*. Paris: P.U.F., 1929.

DELEUZE, G. *Le Bergsonisme*. Paris: P.U.F., 1968.

LEIBNIZ, W. *A Monadologia*. In_____. Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1983.

4º TRIMESTRE

IV -O QUE É A CONSCIÊNCIA?

Fenomenologia da Vida: Formas de consciência - O nascimento da
 subjetividade - Filosofias da mente - Função do cérebro

BERGSON, H.

_____. *Matière et Mémoire*. Paris: P.U.F., 1939.

_____. *Evolução Criadora*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *L'Energie Spirituelle*. Paris: P.U.F., 1929.

PAIVA, Rita, *Subjetividade e imagem*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, Fapesp, 2005

TROTIGNON, P. *L'Idée de Vie Chez Bergson Et La Critique de La Métaphysique*. Paris: P.U.F. 1968.

5º TRIMESTRE

V – O DESDOBRAR DO ESPÍRITO: GENESE DO INTELECTO

A relação intelecto e mundo - Intelecto e formas - Intelecto e filosofia da ciência
 - Intelecto e existência

VI – O HORIZONTE TRANSCENDENTAL

**Memória ontológica e memória psicológica - O campo transcendental e
 sua expressão**

BERGSON, H.

_____. *Evolução Criadora*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *Matière et Mémoire*. Paris: P.U.F., 1939.

PAIVA, Rita, *Subjetividade e imagem*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, Fapesp, 2005

SILVA, F. L. *Bergson, Intuição e Discurso Filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994.

6º e 7º TRIMESTRE

VII- O PROCESSO DE CRIAÇÃO

Consciência em geral e consciência humana:

A consciência de si

VI.2 PRESSUPOSTOS NÃO TEÓRICOS DA CRIAÇÃO

A emoção criadora

VI.3.-O PROCESSO DE CRIAÇÃO

Da Unidade às Diferenças - Unidade Totalitária e Totalização - Unidade e Multiplicidade - A Hipóstase de Plotino - A Tensão do Espírito - A Geração interior - O surgimento das formas - Idéias Claras e Distintas - Intuição e Discurso Filosófico

GILSON, B. *La Révision Bergsonienne de la Philosophie de L'Esprit*. Paris: J. Vrin, 1992.

PAIVA, Rita, *Subjetividade e imagem*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, Fapesp, 2005

SILVA, F. L. *Bergson, Intuição e Discurso Filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994

_____. *Bulletin de La Société Française de Philosophie*. Discussions. Paris: Libr. Armand Colin, 1959.

8º TRIMESTRE

VIII - INTUIÇÃO E INTELECTO

A relação intuição e existência - Integração Intuição Intelecto

_____. *Bulletin de La Société Française de Philosophie*. Discussions. Paris: Libr. Armand Colin, 1959.

SILVA, F. L. *Bergson, Intuição e Discurso Filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994.8

IX- O DESDOBRAR DAS CIÊNCIAS

Metafísica e as ciências - Cosmologia, Física, Química, Biologia, Psicologia e Sociologia - Divergência e convergência da Consciência - Fim último da Ciência

CHEVALIER, J. *Bergson*. 20.ed. Paris: Libr. Plon., 1926.

_____. *Psychologie et Métaphysique*. Paris: Libr. Plon., [1925?].

GRANDJEAN, F. *Une Révolution dans la Philosophie*. Paris: Librairie Felix Alcan, 1930

HEGEL, G. W. F. *A Filosofia do Espírito*. In:_____. Enciclopédia das Ciências Filosóficas. São Paulo: Loyola, 1995, v.3.

PHILONENKO, A. *Bergson ou de la Philosophie comme Science Rigoureuse*. Paris: Les Editions du Cerf, 1994.

BIBLIOGRAFIA

BERGSON, H. *Essai Sur Les Données Immediates de La Conscience*. Paris: P.U.F., Paris, 1927.

_____. *Evolução Criadora*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *L'Energie Spirituelle*. Paris: P.U.F., 1929.

_____. *La Pensée et le Mouvant*. Paris: P.U.F., 1950.

_____. *Les Deux Sources de la Morale et de la Religion*. Paris: P.U.F., 1946.

_____. *Matière et Mémoire*. Paris: P.U.F., 1939.

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984.

BACHELARD, G.: *O novo espírito científico*.

BARBARAS, Renaud – *Le désir et la distance*

CHAIX-RUY, J. *Saint Augustin Temps et Histoire*. Paris: Études Augustiniennes, 1956.

CHALLAYE, F. *Bergson*. Paris: Libr. Mellottée, [192-?]

CHEVALIER, J. *Bergson*. 20.ed. Paris: Libr. Plon., 1926.

_____. *Psychologie et Métaphysique*. Paris: Libr. Plon., [1925?]

DELEUZE, G. *Le Bergsonisme*. Paris: P.U.F., 1968.

GRANDJEAN, F. *Une Revolution dans la Philosophie*. Paris: Librairie Felix Alcan, 1930

HEGEL, G. W. F. *A Filosofia do Espírito*. In:_____. Enciclopédia das Ciências Filosóficas. São Paulo: Loyola, 1995, v.3.

_____. *Introdução à História da Filosofia*. São Paulo: Hemus Editora, 1983.

JANKÉLÉVITCH, V. *Henri Bergson*. Paris: P.U.F., 1959

GOUHIER, H. *Bergson dans l'Histoire de la Pensée Occidentale*. Paris: J. Vrin, 1989.

JONES, H. *O Princípio Responsabilidade*

MOORE, F.C.T., *Bergson, Thinking Backwards*

PAIVA, Rita, *Subjetividade e imagem*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, Fapesp, 2005.

PHILONENKO, A. *Bergson ou de la Philosophie comme Science Rigoureuse*. Paris: Les Editions du Cerf, 1994

PRADO JÚNIOR, B. *Presença e Campo Transcedental*. São Paulo: EDUSP, 1989.

SAYEGH, A. *Bergson: o método Intuitivo: uma abordagem positiva do Espírito*. São Paulo: Humanitas Publicações, 1998.

SILVA, F. L. *Bergson, Intuição e Discurso Filosófico*. São Paulo: Loyola, 1994

TROTIGNON, P. *L'Idée de Vie Chez Bergson Et La Critique de La Métaphysique*. Paris: P.U.F. 1968.

_____. *Bulletin de La Société Française de Philosophie. Actes Du X^e Congrès*. Paris: Libr. Armand Colin, 1959

MATERIAL E MÉTODOS

Leitura, análise e comparação de textos.

FORMA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Não há como se estabelecer.